

# Um passado soterrado de futuro. A arqueologia freudiana entre a história e o mito.

Fábio Moreira Vargas

## Construir para retornar ao mito

É bastante conhecida a fecundidade da comparação feita por Freud entre a ciência arqueológica e a psicanálise. Dois momentos, ou dois modos de proceder, aí se destacam: aquele em que as camadas soterradas dos sítios históricos são comparadas aos níveis da psique sobrepostos uns sobre os outros ao longo do desenvolvimento da história subjetiva (Freud, 1930/2010c, pp. 20-5) e aquele em que uma das atividades do analista se dá através da construção, ao lado da interpretação, do material esquecido do analisando (Freud, 1937/2018a). A lógica da comparação freudiana aponta, nos dois casos, para a centralidade *da recuperação do passado*. O pressuposto, bem fundamentado metapsicologicamente, é que quando se trata da vida psíquica não podemos afirmar que o esquecimento implica a destruição do material psicológico, mas a manutenção de suas inscrições ainda que não facilmente acessíveis.

Acerca dessa retomada do passado, por meio da construção analítica, tantas vezes não se consegue do analisando a lembrança efetiva dos acontecimentos tais como teriam ocorrido. Contudo, obtemos do paciente em caso de uma construção adequada “... uma firme convicção da verdade da construção, *que tem o mesmo resultado terapêutico que uma lembrança reconquistada*” (Ibid., p. 340, *italico nosso*). Ainda que Freud indique que caiba mais investigação acerca das condições explicativas de o porquê um substituto imperfeito (construção analítica) alcance tal eficácia, a distinção entre verdade histórica e verdade material, oriunda de seu pensamento, auxilia-nos nesse ponto.

São duas as ocasiões em que Freud refere-se diretamente a essas noções. Estritamente, uma distinção entre elas será anunciada no terceiro ensaio de *O homem Moisés e a religião monoteísta*, embora a noção de verdade histórica já compareça nas últimas páginas de

Fábio Moreira Vargas.  
Psicanalista, bacharel e licenciado em filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), Doutor em psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP), professor da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP).  
fabio.vargas@alumni.usp.br.

*Construções em Análise.* Freud não oferece uma definição precisa desses dois termos, mas há boas razões para compreendê-los da seguinte forma: a verdade histórica é aquilo que foi tomado como verdadeiro por um determinado indivíduo durante sua história, sobretudo na infância, de eventos articulados que foram subjetivamente apropriados pelo psiquismo e que, portanto, são um produto complexo entre a existência social e material dos indivíduos e seu aparelho psíquico com suas estruturas próprias; a verdade material, por outro lado, está associada a uma verdade “objetiva”, isto é, com o acontecido efetivamente. É fácil notar que, em relação a essa distinção em Freud, como nota André Green: “Quanto a verdade material, ela seria de certa maneira uma desconhecida. É mais fácil visá-la do que atingi-la, e ela só é encontrada sob sua forma hipotética que deve ser sempre colocada em questão” (2017, p. 66). Podemos visá-la, mas sempre é necessário remetê-la à medição da verdade histórica.

O analista, então, serve-se sobretudo da verdade histórica, o modo como aquela psique viveu e interpretou os acontecimentos vividos. Ele, munido do conhecimento acumulado acerca do analisando, tem bons motivos para crer que sua construção tem algo de próximo aos eventos, daí sua montagem conseguir produzir os efeitos efetivos na vida mental do analisando. Trata-se menos, na construção, de acessar a coisa em verdade vivida no sentido de eventos absolutamente objetivos, o que seria uma quimera, e mais de produzir uma leitura que é também uma proposição que se associa à verdade histórica, liga-se a ela como construção que invoca partes verossímeis da experiência vivida e psicologicamente interpretada pelo sujeito.

Com isso, notemos que a construção é, de saída, intersubjetiva, pois sua possibilidade se dá na fabricação de uma história feita *pele* analista *para* o analisando, mas as peças, restos, ligações que constituem essa história são elementos que vem da relação. É porque o analista se serve dos indícios do esquecido que ele precisa constitutivamente da participação do outro, na complexidade própria já pressuposta presente na dinâmica de aquisição desses materiais. Não se trata de propor uma visão sobre a história do sujeito que nada tenha de conexão real com sua vida, evidentemente, pois uma coisa é partir da ideia de que a verdade material é um algo inacessível, outra é supor que nossas construções são arbitrárias; é necessário que haja conexões com os acontecimentos, que nosso trabalho consiga acessar esse campo do verossímil e não do verdadeiro. Podemos dizer que, tantas vezes, confrontamos precisamente a visão do paciente de que ele fala de uma história material, supostamente objetiva, que não seria ela mesma já uma fabricação complexa do modo como seu psiquismo se apropriou de sua experiência.

Notemos que, desse modo, a arqueologia freudiana está bastante próxima de seu sentido mais imediato, a saber, a tentativa de compreensão do passado através de seus indícios. Trata-se ainda, e certamente de uma tarefa fundamental: de estratégias inerentes à natureza da psicanálise freudiana de tornar inteligível o passado e seu sentido. Ainda que esse passado e suas camadas semânticas sejam um produto complexo da experiência psíquica inserida em contextos particulares e aponte para o modo como esse indivíduo conseguiu se apropriar de sua própria experiência.

Nesse sentido, e oriundo da relação transferencial/contratransferencial, uma construção pode ser pensada como tentativa de capturar/propor uma espécie de *mito das origens*. Nesse caso, mito individual que podemos supor sem esforço que é inseparável da condição humana de tentar explicar suas próprias origens, seus inícios, ou as cenas, fragmentos, acontecimentos de tempos idos, embora determinantes. A consideração pelas origens, seja de um sintoma, de um modo de ser/sofrer, de estruturas que marcam a história dos sujeitos, na medida em que fala justamente dos inícios, é inseparável, em certo sentido, do mito. Quando se trata de uma análise, precisamos pensar esse processo no interior de uma relação determinada: *o analista auxilia na captura/formação dos mitos de origem do outro*. Ou, em relação ao que dissemos antes, o analista está implicado em sua tarefa clínica na tentativa de fornecer outras versões do “mito pessoal” (Green, 2017, p. 67) ao qual o paciente havia dado sua adesão com a central diferença de que estamos no campo compartilhado da fabricação desses mitos pessoais, como verdade histórica que “... pode ser reconhecida como sua naquilo que lhe transmitimos, depois de termos conseguido reconhecê-la, através da transferência” (Ibid.). Trata-se, portanto, da construção de uma verdade histórica frente a outra verdade histórica — não opera aí uma tentativa de enfrentar as versões históricas sobre si próprio do analisando com uma construção que vise ser objetiva, captura sem intervalos ou interpretações da coisa vivida, mas de tentar mostrar o quê, nas versões engendradas pelo seu psiquismo, pode ser recontado, reinterpretado e trazido à luz naquilo que comporta de deformações inevitáveis e/ou significados que contribuem para os modos de sofrer daquela subjetividade.

O que nem sempre parece indicado, contudo, é que essa reconstrução, na medida em que se avizinha do mito, não fala apenas das origens, *mas também do futuro*. Aqui a metáfora arqueológica abre outra possibilidade, ainda inerente ao seu conceito, mas menos óbvia e que, quero crer, é tão importante quanto: aquilo que todo mito parece apontar acerca do que virá e não apenas daquilo que já foi. Pois a temporalidade do mito tem isso de fascinante: uma história que conta o passado *ab origine*, distingue-se do curso temporal da História posto que nessa a

irreversibilidade dos acontecimentos é uma sua condição, enquanto naquela o já passado está prenhe da possibilidade de sua reatualização. É inerente ao mito e seu processo uma natureza reiterativa (Eliade, 2016).

É claro que com isso não paralelizo simplesmente a estrutura complexa do mito e sua presença e função na história da civilização humana com as mitologias individuais que a psique fabrica sobre suas próprias origens e sentidos no interior das famílias e contextos sociais. Não tenho nenhuma pretensão de levar a cabo o empreendimento que turva a indispensável distinção entre processos constitutivos da subjetividade individual e a história da civilização. Opero aqui muito mais modestamente. Desejo propor algumas ideias, não mais do que isso, acerca da presença de um elemento particular da arqueologia freudiana, a saber, a construção analítica que versa sobre a captura do passado dos indivíduos e o que podemos compreender disso acerca da *experiência do futuro*, dado que parece inerente à fabricação da verdade histórica elementos avizinados ao mito. Ainda que sob sua forma de mitologia individual.

## O peso dos inícios e sua reverberação

Acerca da verdade histórica, André Green dirá que ela é uma “... interpretação subjetiva que constitui um sistema de crenças fixado no indivíduo no inconsciente e sobre o qual a evolução posterior não tem poder. Grande número de fenômenos psíquicos pertence a esse sistema, como indicam as teorias sexuais infantis” (2017, p. 66). Importante notar que Green refere-se, nas fabricações das verdades históricas que o sujeito produz sobre sua própria história, a um “sistema de crenças”. Isso aponta para o fato de que a estrutura das formações históricas é complexa e comporta uma diversidade de sentidos e acontecimentos que vão sendo articulados nos blocos de memória, blocos “fixados no inconsciente”.

*Recordar, repetir e elaborar* nos dirá algo decisivo em relação a nosso tema. Freud discute aí coisas fundamentais à prática clínica e ao funcionamento do psiquismo, como é sabido, mas uma das ideias mais importantes do texto refere-se à postulação freudiana de que “... é lícito afirmar que o analisando não recorda absolutamente o que foi esquecido e reprimido, mas sim o atua. Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele o repete, naturalmente sem o saber que o faz” (Freud, 1914/2010d, pp. 199-200). Estamos às voltas com a conhecida articulação freudiana entre material inconsciente e os processos de repetição. Sabemos que há uma incontornável dificuldade em compreender o tema da repetição, sua função e condições de possibilidade, bem como os conteúdos que se repetem

no pensamento freudiano<sup>1</sup>. Estabelecido, parece-me, é a articulação de Freud acerca do *potencial repetitivo das formações do inconsciente*. Em 1920, em *Além do princípio do prazer*, Freud insistirá mais uma vez que o analisando “... é levado a repetir o reprimido como vivência atual, em vez de, como preferiria o médico, recordá-lo como parte do passado” (1920/2010a, p. 177).

Sabemos que uma das formas de compreender a repetição, em Freud, é através da noção de ligação. Não temos espaço aqui para aprofundar a complexidade dessa ideia, mesmo sua ambiguidade, mas podemos apontar que uma das formas pelas quais a repetição pode ser compreendida, e a compulsão, um algo demoníaco, que a acompanha (Ibid., p. 201), é através da noção de que experiências e formações do inconsciente (incluído aí a dimensão das forças pulsionais) caem sob a dinâmica das repetições, porque não conseguiram ser ligadas, isto é, apropriadas psicologicamente pelo psiquismo. O mesmo *Além do princípio do prazer* diz que:

Já no analisando se torna claro que a compulsão de repetir na transferência episódios de sua infância desconsidera *de todo modo* o princípio do prazer. O doente se comporta infantilmente, mostrando-nos que os traços de lembrança reprimidos de suas experiências primeiras não se acham nele presentes em estado ligado, e mesmo não são capazes, em certa medida, de obedecer ao processo secundário (Ibid., p. 201).

O que Freud sugere, sem descuidar da relação íntima entre repetição e atividade pulsional, é uma espécie de repetição do que não foi apropriado, ligado, em termos freudianos. Essa articulação, como sabemos, terá longa história na psicanálise pós-freudiana. René Roussillon, em *Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia*, por exemplo, dirá que: “Antes de ser uma forma do retorno do desejo recalçado — ou, antes mesmo, em paralelo —, a repetição deve também aparecer como o sintoma de uma experiência subjetiva nunca apropriada, nunca completamente simbolizada, e que conserva, nesse sentido, um valor traumático” (2019, p. 121).

Julgo que há boas razões para articular as ideias da seguinte forma: podemos supor que as verdades históricas e seus mitos acerca do sujeito, como sistemas de crenças do indivíduo fixadas no inconsciente, a despeito de serem produções do sujeito, podem escapar ao seu controle e igualmente cair sob a compulsão a repetir; podem, como configurações engendradas, atuar como elementos de reatualização sem serem reconhecidos como tal. É profícuo, a esse respeito, o modo como Mircea Eliade interpreta algumas ideias da psicanálise freudiana:

<sup>1</sup> Tomo a liberdade de indicar um texto que dediquei precisamente à complexidade da ideia de repetição em Freud, sugerindo algumas possibilidades de compreensão dessa ideia em suas articulações no texto freudiano: Expandir, repetir, conservar: a sexualidade sob o Eros freudiano (Vargas, 2020).

Para a psicanálise, por exemplo, o verdadeiro primordial é o “primordial humano”, a primeira infância. A criança vive num tempo mítico, paradisíaco<sup>2</sup>. A psicanálise elaborou técnicas capazes de nos revelar os “primórdios” de nossa história pessoal e, sobretudo, de identificar o evento preciso que pôs fim à beatitude da infância e decidiu a orientação futura de nossa existência (Eliade, 2016, p. 73).

Em nota acrescida a esse excerto, Eliade acrescenta: “Eis a razão por que o inconsciente apresenta a estrutura de uma mitologia privada.” (Ibid.). Notemos que uma boa maneira de interpretar a mitologia privada que estruturaria o inconsciente é compreender o poder de reatualização e reinstauração de formações inconscientes na medida em que indicam as maneiras pelas quais os indivíduos interpretam as suas origens (com seus personagens, afetos e posições) e carregam uma dimensão, ao mesmo tempo, atual e, contraditoriamente, não totalmente compreendida, não completamente integrada. Resta, sobre elas, uma sombra de não ligação que pode se manifestar sob a coação do compulsório, mesmo que sobre seus elementos atuem as deformações inerentes ao trabalho da censura.

Nesse sentido, o que o arqueológico tenta reconstruir são também as formas através das quais o sujeito repete, reatualiza, reitera seus mitos. Podemos dizer que o passado é, assim, uma trama potencial de engendrar futuros. Ou de não os engendrar. Parece um raciocínio coerente à extração freudiana pensar que há elementos psíquicos, majoritariamente inconscientes, que estão submetidos a uma forma de “compulsão à integração” (Roussillon, 2019, p. 176) e que podemos supor que essa força de natureza repetitiva, capturada privilegiadamente em processos analíticos, aproxime-se do inconsciente pensado aqui como “mitologia privada”. Ou seja, as verdades históricas que a subjetividade vai produzir sobre suas origens, ou o originário dos mais variados elementos da própria experiência vivida, tanto quanto aspectos “primários” do indivíduo, são também modos de fabricar futuros, potenciais de formatação subjetiva que complexifica a temporalidade na qual vivem os indivíduos.

Uma das marcas do mito é sua disponibilidade em se presentificar, sempre, mais uma vez. A vinculação às ideias freudianas acrescenta, como o próprio Eliade o faz, sua dimensão dinamicamente inconsciente — o que pode sempre se reinscrever mais uma vez, realizar-se de novo, não necessariamente se mostra à consciência em suas estruturas e sentido. O dinamismo dos processos psicológicos que Freud descobre e procura sistematizar aponta para a presença de formações psíquicas capazes de determinar aspectos da existência sem que seus elementos

2 Eliade não descuida das experiências negativas e mesmo traumáticas da infância individual. É a psicanálise mesma quem trabalha com a enorme complexidade das experiências infantis e o quanto há de terror, desamparo e violência em momentos muito precoces do desenvolvimento psíquico. Entendo que sua argumentação quer mostrar o quanto “paradisíaco” pode ser considerada a configuração inicial da psique, dada a experiência precoce de viver em um mundo que pode ser compreendido como “mágico”, idílico, nesse sentido, e que passará em seguida por um processo de desencantamento, coloquemos em termos weberianos.

sejam conhecidos. Esse modo de proceder nos lembra o grande impacto que as ideias de Freud possuem acerca da temporalidade psíquica, ou dos modos concomitantes através dos quais o tempo opera na vida psicológica. Dimensionar o futuro, esse momento da atividade do espírito ligado a suspensão provisória da concretude do presente, não está desconectado das dimensões soterradas do passado. Em outra ocasião e em outro contexto, Freud dirá: “Assim, passado, presente e futuro são como que perfilados na linha do desejo que os atravessa” (1908/2015, p. 332).

É sempre oportuno lembrar que o desejo, aquela “...corrente no aparelho, que parte do desprazer e visa o prazer” (Freud, 1900/2016, p. 626), e igualmente que “... nada exceto um desejo é capaz de colocar o aparelho em movimento” (Ibid., p. 627), esse desejo destituído de sua positividade tal como é compreendido de modo habitual, é também esse atravessamento temporal que turva distinções cronológicas fixas. Assim como no sonho “... o presente é o tempo em que o desejo é figurado como realizado” (Ibid., p. 563), na vida desperta o presente também pode estar recheado de soterramentos, prenhe de mitologias e suas compulsões, repleto de coações que bem podem reatualizar desejos encenados em fragmentos históricos que se repetem, reatualizam, numa paradoxal mistura entre desejar, impulsionar-se adiante, mas sobre as mesmas trilhas das quais se veio.

Pergunto, então: não se inscreve no manejo arqueológico de Freud uma dimensão clínica e teórica que silenciosamente nos informa sobre o que é potência de futuro? Ou, de outro modo, não tem a psicanálise tanto direito ao futuro como parece ter de desbravar o passado? Não se misturam sutilmente esses tempos?

Ao fim e ao cabo: não é disto também que fala uma análise?

## **Construir o passado, reaver o futuro**

Ao refletirmos sobre as possibilidades analíticas no que concerne ao futuro, é fácil encontrar, de imediato, um analista desconfiado e mesmo francamente em oposição a ideias que conduzam a ver a experiência analítica por uma espécie de trabalho pedagógico de condução do outro. De fato, parece claro que a tarefa analítica não pode ser pensada desse modo. Freud é inequívoco a essa questão:

Recusamo-nos decididamente a transformar em propriedade nossa o paciente que se entrega a nossas mãos em busca de auxílio, a conformar seu destino, impor-lhe nossos ideais e, com a soberba de um criador, modelá-lo a nossa imagem, nisso encontrando prazer... Pude ajudar pessoas com as quais não

possuía qualquer vínculo de raça, educação, posição social ou visão de mundo, sem incomodá-las em sua individualidade... o doente não deve ser educado para se assemelhar a nós, mas para liberar e consumir sua própria natureza (1919/2010b, p. 288-9).

Trabalhar com a dimensão do futuro, isto é, aquela experiência ainda não consumada e que é capturada pela sua antecipação imaginativa, pode nos conduzir a falsa ideia de que uma análise visaria influir nos caminhos futuros de uma vida, influenciando em decisões ou ações, por exemplo, que são atos inerentes ao outro, com suas responsabilidades aí inscritas. É evidente que não é deste tipo de manejo em relação ao futuro que falo. A advertência freudiana segue sendo inamovível: não se trata de impor nossos ideais, conformá-lo ao que nós julgamos simplesmente ser o melhor; ecos de uma modelagem que toma o sujeito em nossa frente material flexível. Antes de mais nada e, a bem da verdade, qualquer analista sabe que isso é francamente impossível. Freud indica que é preciso que o caminho do outro comporte a potência de consumação de sua própria natureza, e não da nossa.

Nesse mesmo texto fundamental, no entanto, vem à baila o complexo tema da psicossíntese. A aposta freudiana é que o trabalho analítico auxilia nas condições de possibilidade para que uma nova síntese psíquica possa operar no tempo da elaboração. Nesse processo, os elementos que foram mobilizados/analizados (desejos, resistências, fantasias, cenas e fragmentos repostos em nova luz) serão, sem o curso estrito de nosso poder, integrados e estruturados ao psiquismo, compondo uma nova síntese psíquica, isto é, um trabalho analítico em que se analisa, decompõe-se, divide-se a experiência psicológica, não deixando a mente do outro decomposta, cindida em “partes” ou elementos que fabricariam uma desorganização total de seu funcionamento.

De fato, o doente neurótico nos oferece uma vida psíquica dilacerada, dividida por resistências, e, enquanto a analisamos e eliminamos as resistências, ela cresce organicamente, a grande unidade que chamamos Eu integra em si todos os impulsos instintuais que até então estavam dela dissociados e ligados noutra parte. Desse modo, a psicossíntese ocorre no analisando sem a nossa interferência, automática e inevitavelmente. Produzimos as condições para ela ao decompor os sintomas e levantar as resistências. Não é verdadeiro que algo no doente esteja decomposto em seus constituintes e aguarde pacientemente que nós o recomponhamos de algum modo (Ibid., p. 284).

Parece-me inerente a esse longo e complexo processo que outras possibilidades de futuro se fabriquem aí também. Não estamos nos referindo a

experiência de futuro tal como se poderia supor através da ação deliberada do analista, mas em compreender que a experiência analítica está igualmente comprometida com aquilo que ela, na arqueologia própria de suas possibilidades, auxilia na fabricação de arranjos psicológicos que serão conquistados através das elaborações do sujeito e que isso diz respeito também, necessariamente, ao modo como os futuros de uma vida podem ser reconquistados. Novas sínteses psíquicas, reorganizações do material analisado, reconfiguração da alma, diria em franca recuperação dos termos freudianos: a psique do outro não aguarda pacientemente nossa interferência, assim como novas sínteses psíquicas dizem respeito a novas possibilidades de conceber futuros.

Em um contexto teórico muito diferente, Christopher Bollas falará de experiências de repressão de futuros do mesmo modo como podemos falar de repressão de memórias (2021, p. 70). Julgo essa expressão bastante feliz. A fabricação inerente dos mitos de origem é também a construção de uma história que encerra formas futuras e, assim como a “... técnica analítica possibilita um retorno individual ao tempo da origem” (Eliade, 2016, p. 74), assim como “... pela recordação ou mediante um ‘voltar atrás’, é possível reviver certos incidentes traumáticos da primeira infância” (Ibid., p. 73), esse retornar, como aprendemos na comparação com a estrutura do mito, é sempre também uma forma de instaurar. Parte do sofrimento psicopatológico diz respeito a força reiterativa do passado em sua potência de enclausurar o presente e plasmar o futuro capturado em reiterações do mesmo.

Ainda que Bollas esteja pensando em outras articulações, evidenciando que o sujeito não deseja invocar futuros dado que sua invocação vem unido às experiências passadas de negatividade, daí que “... um vislumbre do futuro, uma visão do fado, ecoa apenas a voz materna, a paterna ou do contexto sociocultural que oprime o self” (Bollas, 2021, p.70), seu insight de uma repressão do futuro bem poderia nos apontar, aqui, não uma recusa da invocação do futuro nesses mesmos moldes, porque ele perpetuaria o fado de um sujeito que “... só pode imaginar futuros que carreguem o peso do desespero” (Ibid.), mas, muito mais sutilmente, uma repressão do futuro na medida em que não há espaço para o surgimento de experiências que consigam se opor à reiteração inconsciente dos cenários e posições das mitologias pessoais. Nesse sentido, o sujeito não fica preso à invocação de futuros que carreguem “o peso do desespero”, mas se torna preso à incapacidade mesma de invocar o diferente. Nem sempre se trata de situações de desespero, ao contrário, pode-se muito bem viver num estado de repressão do futuro porque só é possível imaginar configurações mais ou menos modificadas das mesmas construções auto fabricadas e seu violento poder de coação que são vividas como perigosamente conhecidas,

familiares, “confortáveis” e não imediatamente tomadas como desesperadoras. As experiências não ligadas, nesse sentido, ou seus restos não integrados, podem banir o futuro de uma vida, sem que o desespero, e sua força, estejam necessariamente presentes.

Notemos que a articulação que proponho, talvez ousadamente, entre verdade histórica e seus mitos, não ligação e o entroncamento inconsciente de temporalidades pode nos auxiliar a pensar as estratégias psíquicas que instauram formas de eternização do imaginário, da incapacidade de investir (ou mesmo pensar) futuros que sejam regiões potenciais dispostas distintas da fixação inconsciente das cenas originárias e seus ecos.

Sabe-se que o pensamento freudiano mostra como a imaginação (e o tema das fantasias aqui tem um lugar de destaque) não está livre de determinações inconscientes. Ao contrário, uma das inflexões históricas acerca da livre determinação do imaginar coube ao pensamento de Freud: a potência de fantasiar não pode ser dissociada da presença de forças inconscientes em sua constituição. Podemos dizer, assim, que a capacidade da imaginação pode estar comprometida em uma de suas características centrais: imaginar futuros, ultrapassar as formas, sentidos e posições do presente (que pode comportar, em algum nível necessariamente comporta, soterramentos que obliteram quase completamente a dimensão criativa do psiquismo).

Numa passagem conhecida de *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*, Freud trabalha com a ideia de que processos psicológicos não inteiramente compreendidos, obscuros mesmo, podem ser projetados e colaborar para a construção de realidades suprassensíveis. Trata-se da não esgotada noção freudiana de que é possível transformar “metafísica em metapsicologia” (Freud, 1904/2018b, p. 298), isto é, o poder de determinação que elementos psicológicos possuem de engendrar a construção da realidade, nesse caso de fabricar aspectos tomados como suprassensíveis/metafísicos acerca da realidade. Destaco, cirurgicamente, que vemos aí Freud operar no sentido de mostrar que há reversibilidade dos elementos projetados que parecem entes reais em processos psíquicos obscuramente conhecidos, ou seja, assim como “...os mitos do paraíso e do pecado original, de Deus, do bem e do mal, da imortalidade” (Ibid.) poderiam ser referidos a seus elementos psicológicos; os mitos pessoais que são produzidos ao longo da história do indivíduo também parecem capazes de projetar experiências — nesse caso a instauração de um curto-circuito temporal cujo futuro é logrado pelas repetições inconscientes do passado. Repetições que podem ser criativas em seus disfarces. Imaginar se converte em projetar o mesmo, assim como o que é tomado como a realidade pode ser a estratégia defensiva de reencontrar nela aquilo que os mitos pessoais ali já construíram. Acredito que estamos autorizados a transformar mitologias

em metapsicologia como auxílio frente à poderosa capacidade reiterativa do mito. Mitos pessoais que tantas vezes são compartilhados por toda uma família.

Parece evidente que cabe ao sujeito, e apenas a ele, decidir os caminhos que deverão ser percorridos em sua vida. Houve irrefutáveis razões para que a psicanálise se construísse, a esse respeito, como atividade e saber do espírito humano muito mais preocupada com a compreensão do passado dos indivíduos (e da cultura) do que com o futuro imponderável. Sabemos inclusive dos perigos de aproximar a experiência analítica de formas de adaptação social como se fosse uma meta introduzir o sujeito à conformidade.

Ainda que essa advertência não possa ser ignorada, também não deve ser a consideração pelo futuro que nem sempre é escapismo ansioso do presente. É preciso compreender que a complexidade temporal do psiquismo comporta a coexistência de distintas tarefas analíticas, ainda que conectadas: o passado pode ser um sítio vivo e soterrado de futuros, assim como o arqueológico deve ter o direito de reconquistar novas possibilidades de existência. Sem que precisemos, evidentemente, determinar quais possibilidades são essas, compreendo ser também tarefa analítica buscar suas condições de existência e compreender suas barreiras que parecem ontológicas.

Ao mesmo tempo, restabelecemos a ordem em seu Eu, investigando os conteúdos e os anseios que forçaram sua entrada a partir do inconsciente e os expondo à crítica, remontando-os à sua origem. Servimos ao paciente em diferentes funções: como autoridade e substituto parental, como professor e educador, e teremos feito o melhor por ele se, como analistas, elevamos os processos psíquicos de seu Eu ao nível normal, transformamos o que se tornou inconsciente e recalcado em pré-consciente, e com isso reintegraremos ao Eu o que lhe cabe (Freud, 1940/2019, p. 109).

Pois ser capaz de imaginar futuros é algo que deveria caber com justiça ao Eu.

“Conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas” (Eliade, 2016, p. 18). Vemos assim que o arqueológico, no sentido freudiano, é igualmente essa aposta de que, dentro dos limites de cada psiquismo, os segredos das origens comportem a possibilidade de outros futuros. Se o “...retorno às origens oferece a esperança de um renascimento” (Ibid.), podemos pensar que se abre ao arqueológico analítico a esperança de uma não repetição. Por mais simples ou superficial que pareça, a psicanálise é uma experiência intersubjetiva de investigação da história tanto quanto da defesa do futuro. Futuros, diria, assim como é preciso dizer arqueologias.

Freud parecia convencido de que frente à mitologia privada que os sujeitos constroem, nossa arma era oferecer outros mitos, ou auxiliar na reinterpretação de suas verdades históricas. Não lidamos com a verdade frente a mentira, dado que importa menos a correspondência objetiva dos acontecimentos. Lidamos com a construção compartilhada do tempo, atentos aquele poderoso momento em que passado e futuro se equilibram na potência do presente.

“Uma parte essencial do trabalho analítico...”, coloca Bollas, “... consiste em ajudar o paciente... a reaver os futuros” (2021, p. 71). Não me parece que o velho Freud fascinado com suas peças antigas se oporia ao enigma, potência e necessidade de imaginar amanhã.



**Resumo** O presente artigo visa propor uma interpretação da arqueologia analítica freudiana, sobretudo da noção de construção, tentando evidenciar que ela comporta, para além da tentativa de compreender o sentido do passado, dimensões que apontam para a construção do futuro. Para tal, recorre-se à distinção freudiana entre verdade histórica e verdade material, apontando para a construção dos mitos pessoais que a subjetividade fabrica. Esses mitos, por sua vez, tornam-se elementos de força repetitiva impedindo a possibilidade do surgimento de experiência de futuro.

**Palavras-Chave** Arqueologia freudiana, psicanálise e mitologia, arqueologia e futuro.

### **A future-buried past.**

#### **Freudian archaeology between history and myth.**

**Abstract** This article advances an interpretation of Freudian analytical archaeology, focusing particularly on the concept of construction, in order to elucidate how it entails not only an endeavor to recover the meaning of the past but also dimensions that project themselves toward the future. In pursuing this line of inquiry, the analysis turns to Freud's distinction between historical truth and material truth, underscoring the process through which subjectivity fabricates its own personal myths. These myths, in turn, become elements of repetitive force, hindering the possibility of the emergence of future experience.

**Keywords** Freudian archaeology, psychoanalysis and mythology, archaeology and future.

## Referências

- Bollas, C. (2021). *Forças do destino: Psicanálise e idioma humano*. Escuta.
- Eliade, M. (2016). *Mito e realidade*. Perspectiva.
- Freud, S. (2010a). Além do princípio do prazer. In *Obras completas* (Vol. 14). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)
- \_\_\_\_\_. (2010b). Caminhos da terapia analítica. In *Obras completas* (Vol. 14). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919)
- \_\_\_\_\_. (2010c). O mal-estar na civilização. In *Obras completas* (Vol. 18). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- \_\_\_\_\_. (2010d). Recordar, repetir e elaborar. In *Obras completas* (Vol. 10). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)
- \_\_\_\_\_. (2015). O escritor e a fantasia. In *Obras completas* (Vol. 8). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1908)
- \_\_\_\_\_. (2016). *A interpretação dos sonhos*. L&PM. (Trabalho original publicado em 1900)
- \_\_\_\_\_. (2018a). Construções na análise. In *Obras completas* (Vol. 19). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1937)
- \_\_\_\_\_. (2018b). *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. L&PM. (Trabalho original publicado em 1904)
- \_\_\_\_\_. (2019). Compêndio de Psicanálise. In *Obras incompletas* (Vol. 3). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1940)
- Green, A. (2017). *A loucura privada: Psicanálise de casos-limite*. Escuta.
- Roussillon, R. (2019). *Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia*. Blucher.
- Vargas (2020). Expandir, repetir, conservar: a sexualidade sob o Eros freudiano. *Voluntas: Revista Internacional De Filosofia*, 11(2), 126–151. doi 10.5902/217937864358

DOI  
10.5935/0101-3106.v47n80.05